TRANSGENERIDADE NOS TERREIROS DE CANDOBLÉ NO SERTÃO NORTE-MINEIRO

Letícia Ferreira de Sousa (Nome Social: Letícia Imperatriz)*
Leonara Lacerda Delfino**

Leonara Lacerda Delfino: Boa tarde! Hoje, sábado, 25 de fevereiro de 2023, vamos iniciar a entrevista com a Leticia Imperatriz. Ela irá se apresentar. E quero agradecer, também, eu sou muito grata pelo nosso diálogo hoje.

Leticia Ferreira de Sousa: Meu nome é Leticia Imperatriz, eu sou mulher trans, tenho 32 anos. Sou formada em ciências sociais. Hoje atuo como coordenadora adjunta da Aliança LGBTQI+. Sou uma mulher negra de periferia e sou de religião matriz africana, já tem 15 anos. Iniciei aos 16 anos, devido uma necessidade de saúde e, em razão dessa necessidade de saúde, hoje eu me encontro na religião de matriz africana, enquanto uma adepta que busca, nesse sentido, ajudar aqueles que também necessitam da espiritualidade para conquistar algum objetivo, ou de fato ser curado como eu fui.

LLD: Você nasceu aqui em Montes Claros-MG?

LFS: Na verdade eu sou natural de BH, iniciei a minha vida espiritual em BH e em detrimento de um ocorrido na minha vida, eu vim para Montes Claros, comecei a estudar, e aí estudando, passei no processo seletivo da Unimontes, no vestibular. E na questão de ter passado comecei a fazer o curso de ciências sociais e comecei a participar de alguns projetos, como o projeto vinculado ao curso de ciências da religião. E nesse projeto eu comecei a frequentar uma casa de um irmão de santo que eu não conhecia pessoalmente. Sabia da existência dele aqui em Montes Claros, mas eu não o conhecia. E a partir desse momento eu acabei me desvinculando da casa onde meu santo nasceu e eu comecei a frequentar a casa desse irmão de santo, até que eu iniciei obrigação com ele. Que é o finado Tateto kiozô.

LLD: Leticia, como a questão da transsexualidade, do seu envolvimento na luta LGBT, atravessou sua experiência no terreiro? São experiências que se encontraram em algum momento?

LFS: Então, eu sou filha do dono dos caminhos né? Sou filha de *Nkisi Nkosse*, mais conhecido comumente como Ogum, para os adeptos do Ketu. Em Angola, a gente fala *tateto Nkosse Buré*. Por ser filha do dono dos caminhos, eu acho que tá vinculada a vida sexual, porque tem que ter um cruzamen-

* Mulher trans, negra, periférica, cientista social e mestranda em Desenvolvimento Social (Unimontes). Atualmente é coordenadora adjunta da Aliança Nacional LGBTQI+ (Montes Claros-MG). Atuou na organização do Seminário Municipal de Educação para relações étnicorraciais (Montes Claros), participou na elaboração dos documentários: “Vozes e Tambores do Sertão” (Unimontes), “O Tambor Fala” (Direção e roteiro de Cristina Borges, PETCRE/Unimontes, 2017), Kiozô, o Tateto do Sertão (Direção e roteiro de Cristina Borges, PETCRE/Unimontes, 2013). Desenvolveu a primeira etnografia que certificou a Comunidade de Monte Alto: Primeira Comunidade Remanescente de Quilombo; pesquisadora do Observatório Norte-mineiro de Violência de Gênero.

** É professora permanente e pós-doutora em História pelo PPGH-UNIMONTES, integrante do GT Nacional: Emancipações e Pós-abolição e dos grupos de pesquisa: Emancipações e Pós-Abolição em Minas Gerais (UFJF), GDECO-ETNOPO (Grupo de Pesquisa para uma Educação Decolonial PluriEtnoPopular/ Unimontes). É doutora e mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente desenvolve uma pesquisa voltada para a construção das práticas emancipatórias forjadas nas intervenções do PIBID e usos da História Pública, com ênfase nos temas gênero, raça e formação das subjetividades docentes.

to. Tudo tem que se encontrar... E aí, como eu já tinha um conflito em relação à questão da transexualidade - porque na verdade as pessoas acham que é simplesmente uma questão de escolher e não é uma questão de escolher, é uma condição, só que é uma condição que precisa ser passada por um processo - a pessoa precisa entender em que nível de condição que ela está para que ela possa atribuir essa entidade, esse ser que verdadeiramente ela é pra esse ser externalizado, porque a gente consegue identificar esse conflito interno. Mas, ao mesmo tempo que a gente consegue identificar esse conflito interno, a gente fica com medo de expor certa forma de identidade, em razão da violência que a gente sabe que é constante com as pessoas e que, por sua vez, também é algo muito novo para as religiões de matriz africanas. Então, assim, houve um encontro dessas duas questões da espiritualidade, do meu corpo em si. Uma vez que era aprendido como homossexual e em um determinado momento que eu não consegui mais me enxergar enquanto homossexual, eu precisei trazer à tona quem de fato eu sou e, a partir daí, eu consegui atribuir essa identidade que te fato me pertence, o respeito necessário em todos os ambientes e inclusive na minha religião. E então assim, ao tentar me encontrar, foi algo conflituoso, porque a gente sabe que principalmente vindo para o norte de Minas a compreensão deste corpo dentro do espaço da espiritualidade é algo que as pessoas ainda tentam compreender. A gente sabe que a questão da espiritualidade não é você que escolhe ser do candomblé, não é você que escolhe ser da umbanda. É a religião que te busca e ela que te escolhe para que você possa experimentar da água e dessa água você possa se desfrutar. Então, eu sempre soube, na verdade, o meu santo. Ele sempre soube quem eu era e quem eu sou, quem eu iria me tornar a partir desse conhecimento de mim mesma. Então, para mim em relação ao meu santo eu nunca tive conflito nenhum porque eu acredito que ele já sabia o desenrolar dessa história, desses caminhos até o final. Mas, é algo que a gente constantemente tem que dar satisfação para as pessoas que necessariamente são inseridas nesse espaço, porque elas não compreendem os nossos corpos no espaço como algo que precisa ser repensado, como algo que precisa ser atribuído respeito, como algo que precisa ser dado o direito de estar ali, porque entendem que isso pode gerar um desconforto, tem até mesmo dentro do processo da espiritualidade e do amadurecimento desse corpo, do desenvolver desse corpo. Então, não é algo fácil e é uma luta constante nesse sentido, uma vez que a gente pensa que esse espaço a gente não deveria ter esse tipo de luta. Porém, é algo que a gente vem vivendo constantemente né? Vem buscando esse espaço para que os corpos das mulheres trans sejam respeitados enquanto corpos de mulheres, os corpos dos homens trans sejam respeitados enquanto corpos de ho-

mens, para que essas pessoas possam de fato se encontrar e ter esse espaço respeitado.

LLD: E a sua feitura de santo foi feita em BH ou foi aqui?

LFS: Minha feitura foi em BH, mas antes da minha transição.

LLD: Você pode nos contar como foi essa experiência?

LFS: Então, na verdade assim, a minha entrada para o candomblé de Angola foi algo que, ao mesmo tempo foi pela dor, foi também por um pouco da curiosidade. Por que o quê acontece? Eu tinha muito problema de desmaios constantemente. E aí a minha mãe já tinha procurado médico, já tinha participado até de processo de purificação em igreja católica, de igreja evangélica, principalmente em relação de caminho, com sal grosso, óleo ungido. Mas, isso não resolvia meu problema. E aí eu me lembro que a minha vizinha, bem próximo assim da minha casa, ela virou e falou assim: olha, falou pra minha mãe. Olha não é uma questão de médico é uma questão espiritual. Então, assim, para que isso possa ser amenizado, leva para uma água corrente, passa o feijão preto e deixa esse feijão cair nessa água corrente. E isso minha mãe fez porque era a única alternativa que a gente tinha. Uma vez que a minha mãe já tinha me levado pra todo lugar. E querendo ou não, já estava ficando uma situação muito exposta. E ao fazer isso eu melhorei um período, mas isso foi o pontapé inicial para me levar diretamente para as religiões de matriz africanas. Nisso eu comecei a querer entender um pouco mais disso. A minha mãe me levou lá de novo e ela virou e falou assim: - Olha a questão, não é uma questão que possa ser tratada na umbanda. É uma questão que realmente tem que ser tratada em um outro local mais específico que a umbanda, infelizmente, não faz. É feitura de santo que é uma questão que tem que ser uma entrega maior, nesse sentido. Não que as pessoas da umbanda não façam essa entrega. Mas é algo que precisa de um preparo, é algo que tem que ter sacrifícios, e já na umbanda a gente não tem tanto essa questão. E assim minha mãe fez. E aí eu fui e conheci uma casa através de uma festa. Era a festa de *Logun*, porque o meu zelador de santo foi feito em um período onde Angola era como se fosse uma mistura com Ketu. E as religiões antigamente não eram religiões tão apuradas. As religiões de matrizes africanas, então as casas tocavam Angola e tocavam o Ketu. E o meu pai de santo foi feito nesse processo. E era na festa de *Logun*. Eu fui conhecer a casa, gostei muito, inclusive pensando como era a situação daquela manifestação dele se manifestar pra mim, porque naquele momento tudo era um teatro. Eu ficava questionando: porque isso estava acontecendo, isso e isso. Até porque mesmo eu não tinha conhecimento nenhum e eu era menor de idade.

LLD: Você tinha crença?

LFS: Na verdade eu era uma pessoa muito desfocada de religião. Por quê? Porque a minha casa nesse período era um espaço um pouco conturbado. Porque eu tinha um padrasto, a gente não se dava bem... Assim, hoje eu até agradeço de tanto que eu apanhei na minha vida. Mas, antes eu não compreendia o tanto que ele me batia. Já com os meus irmãos, que eram filhos dele, já era totalmente diferente. Então, eu não buscava ter fé em nada, me conectar em nada. Foi depois que eu fui conhecer o candomblé que eu busquei conectar em algo e me apegar a essa conexão de fato. Então, com isso tudo resolvi conhecer um pouco mais o candomblé. Aí meu pai me pediu pra eu passar uma tarde com ele. Passei essa tarde com ele e o no finalzinho da tarde ele pegou e jogou pra mim. No que ele jogou pra mim eu fiquei olhando assim: gente como que uma pessoa pode comunicar com búzios, pedras? Eu lembro que a peneira tinha um crucifixo. Eu falei gente que coisa esquisita e ele conversando. Pra mim era uma conversa, mas ela ele rezando pra ter esse retorno através do oráculo né? Através da peneira de jogo. E aí ele pega e me passa a informação de que eu seria filha de Ogum com Iemanjá, de *Nkosse* com *Kaiala*, e eu fiquei pensando: Gente, quem é? O que é isso? Aí ele foi me explicar, depois que ele me explicou ele me chamou mais vezes, fui assistir alguns vídeos da casa, algumas filmagens e depois ele me mostrou inclusive uma festa de mãe florzinha, uma festa de Ogum. Passou no Fantástico uma reportagem fantástica sobre ritos sagrados. E eu fiquei maravilhada com o Ogum daquela senhora. E nisso eu comecei a ter sonhos. Comecei a ter sonhos, comecei a escutar algumas coisas. Eu falei: Gente, mas isso tá ficando muito.... E com isso tudo eu comecei a me entregar. Quando eu vi eu já estava lá na casa dele para poder fazer santo. E em algum toque específico para realizar a minha entrada e a entrada de um irmão de santo que entrou comigo. E aí após esse toque, quando eu me vi eu já estava lá dentro do sagrado, realizando todos os ritos necessários para a minha feitura.

LLD: Você pode falar pra gente como é que são esses ritos? Há segredos da casa e saberes que podem ser transmitidos...

LFS: Uma questão, por exemplo, o toque específico é um toque no qual a gente utiliza para o processo do bolar. O bolar é o primeiro adormecer para o santo, para o *nkisi*, para o orixá. E após esse processo do primeiro toque para o bolar, você é levada para o Sabagi, onde já inicia uma série de ebós, que na nossa nação a gente chama de *Kussaca*. Depois que a gente passa por essa série de ebós, geralmente a gente tem que ter o conhecimento com alguns elementos, igual cachoeira, pedreira, no meu caso, como eu sou do Ogum e geralmente o símbolo do Ogum acaba sendo uma trilha de trem.

Então, há uma série de *ebós* específicos para que essa pessoa possa iniciar o seu contato com a espiritualidade. Depois, é feito um novo procedimento né? Onde há essa necessidade de se pensar nessa consagração do corpo, com esse adentrar da espiritualidade. E, após isso, tem o momento de dar comida a essas entidades. Dentro desse processo de dar as entidades tem todo esse processo da raspagem, da *muzenza*, que são processos mais específicos para que a partir daí essa pessoa possa se dizer uma pessoa iniciada para o santo.

LLD: Você comentou que quando você fez a feitura lá em BH você não tinha passado por essa transição. Você fez essa transição aqui em Montes Claros? Como que foi esse processo dentro da sua casa espiritual?

LFS: Então, a casa do finado tateto Kiozô era uma casa que tinha várias clientes que são transexuais ou travestis. Então, talvez ele não teria tanto problema, uma vez que ele sabe conduzir a situação, ele sabe buscar conhecimento também para poder conduzir. Por mais que, pensando na questão biológica talvez não tenha mudado tanto, porque a primeira questão a se pensar é como é que esse corpo vai conseguir se conectar a espiritualidade indiferente de ter passado por processos cirúrgicos ou não. Então, eu acho que o primeiro pensamento de um sacerdote, nesse sentido, de um zelador é pensar essa relação da conexão desse corpo. Até onde o orixá, até onde o *nkisi* vai permitir que essa pessoa vá em razão dessas intervenções que ela faz no corpo. Eu acho que não seria um problema pro meu pai de santo que faleceu. Mas eu percebi que com o falecimento dele, e como eu fiquei muito desconectada da companhia de alguns irmãos de santo que hoje tem casa aberta, ao chegar como Leticia, houve um estranhamento. Estranhamento esse que alguns não conseguem compreender que, na verdade, eu sou quem eu deveria ser há muito tempo. E com isso eles acham que a situação possa gerar um conflito no ciclo da espiritualidade, que há algo que deixa uma ruptura dentro da espiritualidade na conexão do incorporar em relação com um contexto de um toque, por exemplo. No geral, a manifestação das energias ali, no momento de um toque, ou de dar comida pra uma entidade, ou de entregar uma oferenda, então, assim, eu fico tentando compreender qual que é a interferência desses corpos hoje dentro dos espaços sagrados, principalmente dentro dos rituais? Porque hoje questiona-se muito, uma mulher trans usar saia, questiona-se muito usar um pano de cabeça, questiona-se muito uma mulher trans usar um pano cobrindo os seios. Mas, aí sim, o questionamento inicial é: Se essa pessoa tá viva, se ela está comendo, se a vida dela está avançando? Se ela consegue ter um discernimento de que ela está fazendo e que essa ação dela não interfira na espiritualidade? Então, não tem por que se estou por fora, não estou vendo o que aquela pessoa está passando, não estou sentindo o que ela está sentindo, não estou convivendo com o preconceito que ela está convivendo todos os dias. Então, não tem por que eu interferir nesse processo de evo-

lução dela. Só que infelizmente não é todo mundo que pensa assim, tem pessoas, por exemplo, hoje que eu não entro na casa, porque que eu não entro na casa? Em detrimento do que eu não acho que eu vou pra uma casa de *Nkisi*, uma casa de orixá com calça, por exemplo. Por que eu tenha que ir trajada de homem, sendo que o meu corpo hoje, a minha identidade hoje, o meu sentimento não é mais masculino? É tudo voltado para o sexo feminino. Então, quando eu vou hoje pra alguns lugares, eu vou toda vestida de baiana porque é o meu espaço e é o espaço onde a minha identidade se enquadra. Então, há um conflito principalmente em relação aos zeladores né? Das mães de santo, esse desconforto em relação à vestimenta. Não é nem o fato da intervenção no corpo, é em relação à vestimenta, que é uma das questões que a espiritualidade menos preocupa. A espiritualidade está preocupada, assim, se você tem respeito, se você sabe entrar e sair, se o seu corpo está apto a recebê-la, quando eu falo apto é um corpo limpo. Que o sagrado é puro, então você deve estar preparada pra isso, indiferente se você fez alguma intervenção no corpo ou não. E é esse pensamento hoje que muitos sacerdotes não têm, dessa questão do respeito.

LLD: E você já sentiu, vivenciou alguma interferência, no sentido de chegar numa casa e o zelador se posicionar dessa forma?

LFS: Olha o que aconteceu, na verdade, há um mês atrás eu recebi na Aliança¹ uma denúncia de uma mulher trans que foi dialogar com um pai de santo, sobre uma situação específica dela. Ela uma situação que ela precisava de uma orientação e essa entidade, ao pegar nela, detectou que pra um corpo feminino com uma voz masculina. Então entendeu-se que era uma transexual. A partir desse momento que ele identificou esse corpo, esse ente que se dizia ser entidade, que eu acredito que não é, pegou e falou que não iria mais dialogar com essa pessoa. E como nós temos um grupo das casas aqui do Norte de Minas. Eu fui e fiz um pronunciamento nesse grupo. Falei que: se as casas hoje não têm folha, não têm saber, não têm conhecimento, não têm respeito pra lidar com esses corpos, então não deixem as portas das casas abertas. Porque são pessoas, pessoas que procuram geralmente esse espaço, estão procurando alívio, acolhimento, cura. pessoas que procuram geralmente esse espaço, estão procurando alívio, acolhimento, cura. Quando eu falo cura, eu não falo no sentido de fazer com que essas pessoas se tornem homens. Elas nunca foram. Eu falo no sentido da cura das várias violências que nós sentimos cotidianamente. Então, ao deixar esse recado eu fui abordada por um pai de santo que me falou: “na minha casa não entra vestida de saia, na minha casa filha minha não veste de mulher”. E aí eu falei: engraçado, uma mulher

1. Letícia é coordenadora adjunta da Aliança Nacional LGBTI+ em Minas Gerais.

trans não pode andar trajada de mulher, sendo que ela é uma mulher? E você recebe sua Pomba Gira? A sua Pomba Gira veste saia? Ele falou: Veste! – Então tem algo errado, por que uma mulher trans não pode vestir saia, por que você incorporado pode vestir? Será que não é uma vaidade sua? Porque essa não é uma questão que a sua Pomba Gira te pede. Essa é uma vaidade da sua matéria. Aí ele pegou ficou meio assim... Eu falei, olha eu não vou discutir! – Ah, eu tenho uma filha que inclusive é lésbica e ela quer tocar atabaque. Eu falei: -Mas cada casa com seu tempero! Se sua filha quer tocar atabaque e a religião que os homens colocam como certo ou errado não permite ela tocar atabaque, isso não é um problema das transexuais não. Até porque, eu na minha casa, quem quiser atabaque tem poder tocar, quem quiser vestir de saia, veste. Eu só quero respeito, só quero que a pessoa de fato se entregue ao sagrado, respeite minha casa e faça as coisas da forma correta. Agora, o que ela faz da porta da fora da minha casa, pouco me importa. Ela não pode fazer é dentro da minha casa, dentro do meu sagrado. São questões que as pessoas poderiam pensar, porque hoje o candomblé e qualquer outra religião, a gente não pode fazer acepção nenhuma de pessoas. Negar uma pessoa, uma entrada, negar o acolhimento, negar a pessoa um saber, um banho, uma fala um jogo são questões que saem do propósito da nossa religião. Então, eu sempre estou batendo na tecla, sempre estou lutando por isso. Hoje, onde eu sou convidada para ir eu vou vestida de baiana. Sei que dói em algumas pessoas, ferem alguns olhares, mas antes eu ferir o olhar do outro do que eu ferir a minha identidade, a minha integridade, a minha pessoa. Por que isso a gente faz diariamente né? Pra sair de casa, pra comprar um pão, pra comprar qualquer coisa, pra pagar uma conta. A gente já passa por uma série de violências. Agora, um lugar que a gente está buscando socorro, buscando paz, se a gente for violentada aí a gente já desconhece o princípio desse espaço.

LLD: Leticia, você comentou, você coordena é a Aliança? Em algum momento essas ações da Aliança foram voltadas para as comunidades de terreiro?

LFS: Então, hoje na verdade, nós estamos querendo, através da Unimontes, realizar o primeiro encontro de terreiros LGBT, porque há uma série de questões que a gente precisa conversar a respeito da questão desses terreiros. Entender como se dá esse processo do conhecer, do conhecimento, do saber. Pra que essas pessoas possam se sentir acolhidas, porque nós sabemos que essas religiões de matriz africana são as que mais abraçam a causa. Mas, esse abraçar da causa ainda com alguns restrições e ressalvas em relação ao público T, de pessoas trans e mulheres travestis. Então, a Aliança hoje ela vem buscando dialogar nesse sentido. Nós sabemos que ainda sim tem uma existência muito grande de alguns sacerdotes em não querer dar satisfação para a sociedade desses corpos em uma gira, em um fundamento

mais profundo, ou de dar a essas pessoas a possibilidade de garantir as identidades delas nos lugares de fato pertencem a ela. Por exemplo: uma mulher trans ela não pode ser um Ogan, ela não pode ser um Tata Kambondo, uma pessoa responsável por cortar, por tocar o atabaque, ou zelar pelas folhas. Geralmente as mulheres tem outros encargos dentro do candomblé, por exemplo, organizar a comida, o evento do orixá, ou do *Nkisi*, organizar as roupas, as vestimentas. Essas são as atribuições dessas pessoas, organizar o candomblé né? Deixar as coisas prontas para que a entidade principal da casa chegue. Então, assim, são atribuições femininas que geralmente algumas casas deixam de dar as mulheres trans, dando a elas obrigações que não são nossas. Entendeu?

LLD: E no caso a aliança vem procurando intervir nesse processo de conscientização junto aos zeladores, as zeladoras, aos sacerdotes? A ação seria nesse sentido com esse projeto de encontro LGBT, o encontro de terreiros LGBT. E esse projeto já está mais ou menos engatilhado pra esse ano?

LFS: Já nós pensamos em fazer esse evento no dia 13 de maio, nas proximidades de maio, onde nós queremos fazer um levantamento do público LGBT nos terreiros, saber quantos LGBT nós temos dentro das casas, entender um pouco as vulnerabilidades desse público e a partir daí ver as violações dentro dessas casas em relações a esses corpos né? Saber quantas mulheres trans nós temos hoje nos terreiros. Isso é sumariamente importante para que a gente possa ter um evento que de fato possa contemplar a comunidade. Falar a linguagem que a comunidade precisa saber.

LLD: E sobre essa questão do racismo religioso, como que você percebe essa questão e se você sente à vontade pra falar? E como que a Aliança vem trabalhando também, eu sei que não é uma pauta da Aliança, mas que atravessa as experiências. Como que você pensa em ações políticas, através da Aliança pra combater o racismo religioso aqui em Montes Claros?

LFS: Na verdade assim, uma série de questões que chamam a gente atenção da Aliança né? Não só essa questão do racismo religioso, como também da violência contra as mulheres. Quando nós falamos de mulheres, nós falamos de mulheridades, as diversas mulheres. Então, assim, a gente está tentando buscar intervenções que venham ao encontro com essas ações, mas a partir das nossas vivências. Porque ultimamente, o que a gente tem feito? A gente tem pego os depoimentos das nossas assistidas, e a partir desses depoimentos a gente tem buscado a melhor forma de intervir. Mas, intervir sempre no plano educativo, não no plano, por exemplo, de punir

sabe? Por exemplo: Situações de racismo religioso! Geralmente, quando nós vamos em alguma festa, ou em algum rito nós já vamos trajados com os trajes da religião, isso eu falo no contexto geral. Tanto do homem quanto da mulher. As pessoas já saem das suas casas com os trajes. Não é qualquer um [motorista] que é capaz de conduzir a pessoa trajada numa roupa de baiana, por exemplo. Conduzir essa viagem sem ferir de alguma forma essa pessoa. Falar alguma coisa, colocar um louvor, mas um louvor de uma forma bem alta, sabe? Ou, às vezes, começar a rezar do nada... Então, são coisas assim que acaba nos preocupando de certa forma. O porquê dessa pessoa agir dessa forma? Mas, com isso, a gente tem tentado buscar meios e caminhos nos quais a gente não tenha que partir diretamente pra um processo judicial, se a gente possa achar um caminho menos doloroso e que faça a pessoa refletir. Por exemplo, uma capacitação, um lugar de diálogo... Hoje a Aliança parte muito desse princípio, de ir até o foco desse problema. É lógico que a gente não vai conversar só com uma pessoa, por exemplo, se for um motorista de Uber ou 99, por exemplo, a gente faz o contato com a empresa de serviço, pede pra ela marcar um espaço, um local convocando todos os motoristas e motoristas mulheres, no caso também, e aí a gente atribui a todo o público uma capacitação, uma roda de conversa. Porque eu acho que é a melhor forma, a Aliança sempre parte desse princípio, do diálogo, da conversa pra fazer exemplos, para que essa pessoa possa se colocar nos nossos lugares e, a partir daí, a gente começar fazer m trabalho diferenciado.

LLD: Já teve casos de denúncia, de ataques às casas de candomblé?

LFS: Então, o que está acontecendo? Eu tenho notado que as pessoas hoje estão montando as suas casas organizando os seus ilhetos, as suas roças. Elas não têm buscando casas na região central, elas têm ido mais pra espaços rurais e sendo as primeiras a chegar nesse espaço, que a partir do momento que as pessoas chegando como primeiras, elas acabam ditando as regras daqueles lugares. Então, nós acabamos não tendo problemas com isso. Agora a casas que já vem de uma tradição e que a casa que vem do centro foi transformada em um terreiro, aí essas pessoas acabam tendo que seguir algumas normas.

Geralmente, a questão do som após as dez horas da noite, eu vejo que as pessoas têm seguido muito. Mas, nas casas que estão sendo construídas fora da região central, elas vão até de madrugada, sem problema algum, e seguem a sua ritualística perfeitamente. Inclusive, a gente tem o maior respeito nesses lugares mais afastados do centro. E querendo ou não, às vezes, a pessoa pode falar alguma coisa, mas entrar e atacar com vandalismo, aqui em Montes Claros eu desconheço qualquer exemplo. Nós tivemos acesso a uma informação em Bocaiúva, mas assim, são pessoas que levam

muito ao pé da letra, sabe? Que não tentam o mesmo diálogo e, às vezes, isso acaba inflamando as pessoas, né? O que não justifica a violência, ao espaço, mas, o princípio da conversa ele é sempre importante. E talvez eu acho que faltou um pouco disso. As pessoas atingidas até registraram um BO, mas aqui em Montes Claros eu nunca notei essa situação de vandalismo, porque as casas, hoje, são em lugares mais afastados, lugares onde eles possam não só fazer o espaço, comungar da espiritualidade, mas também que eles possam ter espaço de lazer e mais próximo também da mata, da água. Então é muito difícil esse tipo de violência hoje aqui, especificamente, em Montes Claros.

LLD: Você percebe uma especificidade dos terreiros aqui do Norte de Minas com relação à sua experiência em BH?

LFS: Na verdade, assim, há uma diferença muito grande do Norte de Minas em relação aos terreiros, por exemplo, de BH. Lá em BH quem é de Angola não cultua a quimbanda em suas casas. Não existe essa possibilidade. Aqui nós já temos muito isso, essa possibilidade de passear um pouco pelos vários lados da espiritualidade. Há essa questão do pensamento sobre Exu né? Principalmente porque o Exu do candomblé ele é só um mensageiro, ele traz a mensagem do que vai ocorrer dentro da casa, o *í'nzila*, na Angola. Diferente do Exu do quimbanda, da umbanda que já tem mais um olhar diferenciado da espiritualidade que, na verdade, o exu do quimbanda é um ser em busca da luz e o outro.

O Exu da umbanda, na verdade, vem trazendo a mensagem em razão do que ele já viveu, de ele ter vivido ente nós, ou vivido uma vida como nós. Então, assim, há uma diferença muito grande... E eu acho que essa especificidade vai dentro desses olhares né? Porque aqui a gente consegue distinguir o espaço de cada Exu, parece que a gente está falando da mesma entidade, porém, não são a mesma né? E aí eu acho que é o que torna diferente de BH. Porque em BH, por exemplo, eles não conseguem ter essa dimensão desse olhar de Exu, o Exu mensageiro de determinada situação que a gente vai fazer na casa, por exemplo, um toque.

Pra fazer um toque a gente em que levar Exu pra rua, para que a gente possa proteger aquele espaço para que aquele momento do ritual possa acontecer de tal forma que a casa não sofra nenhum ataque espiritual, que a casa não sofra interferência de alguma pessoa que queira vir fazer algo negativo em relação a quem está ali dentro. Então, geralmente, o Exu que a gente coloca pra rua já é um guardião. Diferente talvez de um Exu chegando em um quimbanda pra tentar resolver uma outra situação que não seja algo determinado para o momento, mas que seja determinado para uma pessoa específica, porque, talvez, o Exu que está ali está resolvendo um problema seu em relação à sua vida amorosa, profissional, às suas relações

ou algo que tenha acontecido diretamente dentro do seu lar... Então, você tá vendo que são questões específicas e que talvez a pessoa acredita que é a mesma entidade mas não é, são entidades que possuem funções diferenciadas.

LLD: Muito bem! A gente comentou sobre alguns saberes que são permitidos, são transmitidos para fora da casa e aqueles que ficam guardados. Você poderia falar um pouco mais dos saberes que são permitidos? Você teve que mudar sua rotina por orientações da casa?

LFS: Na verdade, existem algumas rotinas dentro do santo, principalmente das pessoas que possuem uma idade, para serem independentes, tem que ter essa independência. Então, ao invés de você estar na casa de seu pai de santo, o auxiliando para passar um *ebós*, para fazer uma reza, para realizar uma entrega, pra qualquer entidade que necessite naquele momento ou pra preparar um banho, geralmente quando você não tem a idade você tem que estar próximo de alguém mais velho pra que você tenha essa autonomia pra poder realizar. Quando você de fato ter essa idade, você já consegue fazer na sua casa. Na verdade, são dois momentos, e esses momentos as coisas precisam ser respeitadas. Até mesmo porque a preocupação do zelador é que você não tenha condição tanto espiritual, quanto psicológica, quanto a nível de responsabilidade de fazer algo tão grandioso na vida de alguém que é mexer com o lado espiritual. As pessoas acham que é muito simples, que é só manifestar, é só preparar uma comida, mas não é só isso... Existem algumas situações que realmente há uma interferência e nesse ciclo da interferência para que você não faça da vida espiritual da pessoa algo que possa ser um problema muito maior.

LLD: Eu sempre tive interesse em entender se existe essa relação do *bem* e do *mal* dentro do candomblé. Eu sei que cada casa funciona de uma forma... Na sua experiência, na sua vivência religiosa, como que se dá essa questão de *bem* e de *mal*? Ou se não existe é coisa muito mais complexa, como que isso é trabalhado na experiência?

LFS: Na verdade o candomblé não pode ser pensado em nenhuma hipótese do mal. Você está mexendo com a sua natureza, porém, o ser humano, por sua natureza própria, já tem o seu lado ruim. Ele tem o seu lado bom, mas ele tem o seu lado negativo, e a gente sabe muito bem disso. A partir do momento que você quer atrapalhar uma pessoa de alguma forma, a partir do momento que você mexe com alguém que você não poderia mexer.... Teria vários, eu poderia citar vários exemplos de situações que poderiam fazer essa pessoa infelizmente, a pensar em algo no negativo para com alguém dentro da espiritualidade, dentro do candomblé, sofreria... Mas, o candomblé em si não é um lugar pra isso, né? Porque você está trabalhando ali não é para o seu próximo é para você. Porque o que você faz dentro do candomblé para a vida de uma pessoa em relação ao *Nkisi*, se

you make bad things, if you do with a negative thought, obviously that turns back on you. Because even what you are doing is good, inside the candomblé you also harvest the fruits. Then, I discard a possibility of there being something negative in this sense, because it is not a place for that. When you are working with nature, when you are working with what comes from inside you, you don't have to think. It is logical that there are people and people; thought and thoughts. People who unfortunately end up taking for the heart some situations. Like, for example: jealous people that know that a lot happens inside the houses, because of some zealots giving more attention to some and not giving as much attention to others. Then, people know that they are planting there a little of evil. From some thought that unfortunately escapes from the principle of spirituality... But something specific of candomblé, that is necessary, no.

LLD: Então, não existe essa delimitação de linhas direita e esquerda?

LFS: No candomblé, não. Isso acontece, geralmente, na umbanda. E ainda, assim, até para as entidades da umbanda, principalmente na perspectiva da esquerda, os Exus que são evoluídos deixam bem claro que o que nós fazemos, a gente tem que colher né? E aí cabe você saber se quer colher bons ou os frutos ruins disso. Então, até a espiritualidade deixa preparado para os frutos que você vai colher a partir da sua ação.

LLD: Você nota um conflito das casas, uma disputa, como que você percebe essa questão das disputas internas e das disputas entre as casas, como é que rola isso?

LFS: Existem alguns lugares que, na verdade, eu acho que não é nem pela questão da disputa, mas, é pela questão das pessoas entenderem que tudo tem que estar, de fato, na máxima e extrema harmonia. Eu falo harmonia, nem é nem na questão de sentimentos. Ah eu gosto de você, mas você não gosta de mim. Então a gente tem que pensar então você tem que gostar de mim. Não é desse jeito. Mas, harmonia em relação ao conhecimento. Então existem algumas casas que o conhecimento é um pouco limitado em detrimento de algumas heranças deixadas do passado por alguns zeladores. Então, as vezes devido a essa questão da falta de harmonia do conhecimento acaba gerando conflito em alguns zeladores e zeladoras. Isso gera conflito, essas pessoas acabam assim, meio que se resguardando, cada uma fica na sua casa, evitando estar próximo, evitando dialogar, evitando participar em prestígio de alguma festa, evitando encontrar com essa pessoa, para não se tornar um espaço desagradável. Hoje

eu percebo muito isso, sabe? As pessoas, infelizmente, estão tendo a dificuldade de diálogo, nesse sentido. Inclusive no espaço da espiritualidade que seria um espaço mais fácil de dialogar. Então, em razão dessa falta de diálogo, dessa dificuldade acaba se gerando os conflitos que faz com que essas pessoas geralmente fiquem mais distantes umas das outras, sabe? Mas, disputa espiritual? Existe né? É lógico! Mas, descartar essas coisas, infelizmente tem pessoas que levam isso pro coração né? E acabam se atrapalhando porque como que você é dona de um lugar de evolução, que é um lugar de trazer vida, que é um lugar de buscar cada vez mais o progresso social das pessoas, como que você vai querer acabar com o sucesso de uma outra pessoa pelo fato dela pensar diferente de você? Ou pelo simples fato de ela não querer evoluir, querer que a casa dela evolua de tal forma que a sua esteja evoluindo? Então, não cabe a você subjugar ou tomar um posicionamento em relação a isso. Na hora que ela sentir a casa dela defasada, que a casa dela precisa evoluir em razão das pessoas que vão surgindo. Aí essa pessoa vai buscar o melhor caminho pra casa dela entrar em harmonia com as outras casas. Às vezes eu penso que é muito isso...

LLD: Você comentou sobre um projeto que você participou nas Ciências sociais, você poderia falar um pouco sobre o seu projeto de TCC que envolveu a questão dos terreiros? Como foi a sua experiência na universidade?

LFS: Então, quando eu cheguei dentro da universidade eu cheguei um pouco deslocada né? Porque eu sempre fui uma pessoa muito espalhafatosa, no sentido de expor o que eu sinto e quem eu sou. Então, eu chegava muito com batas africanas e eu não via isso na universidade. Apesar de que eu vivi um período muito bom com a presença do professor Waiwai Quimbanda, mas eu não via tanto ele externalizar essa questão, apesar de que eu acho que ele é a pessoa, não vou falar a pessoa mais pura, é a pessoa que possuía identidade em relação à questão desse mundo das religiões de matriz africana. Eu já fui chegando na universidade e procurando espaço que eu pudesse cada vez mais estar mais próxima da minha identidade. Por exemplo, busquei participar do PET/CRE,² em relação das religiões de matriz africanas, porque a professora Cristina Borges estava desenvolvendo um trabalho ligado à casa Kiozô, onde a nossa pesquisa naquele período era pra falar da forma pedagógica de que o sacerdócio kiozô reproduzia em relação à criação das raízes da casa dele por todo Norte de Minas, pelo fato de Kiozô ser o pai de santo que mais possuía filhos de santo nas casas abertas em Montes Claros.

LLD: Era o mesmo professor? Desculpe...

LFS: Não! Era o sacerdote. E ele tinha essa possibilidade de cada vez mais multiplicar as casas dele porque era esse o intuito dele.

2. Programa de Educação Tutorial do curso de Ciências da Religião da Unimontes (PET/CRE). Em seu trabalho de monografia intitulado por "Roça Congo Matamba Mazambe: Notas introdutórias", as filmagens somaram 14 DVDs, num total de 28 horas. Segundo a autora, "gravei em DVD as entrevistas e registros de cantigas num total de 10 horas. Além dos filmes e gravações em DVD, há também um acervo de 60 fotografias." Cf. SOUZA, 2015, p. 7

Semear raízes pra que essas raízes de fato trazer a mensagem do que é realmente o candomblé de Angola. Eu participei de algumas filmagens na casa dele, que foi o *kiosô, o tateto do sertão*, depois nós fizemos o *Tambor Fala*, que foi um documentário que trata sobre a questão da presença do atabaque nas religiões de matrizes africanas. Logo após procurei participar do Nehom.³ que é o núcleo de homocultura, mais voltado para o público LGBT, eu tentava elencar essas duas situações, uma vez que eu precisava me identificar enquanto universidade, saber que espaço era aquele onde eu estava. Aí fui caminhando na universidade, conhecendo esses espaços, depois fui direto para a companhia de dança folclórica *Saruê*, onde a gente montou o espetáculo candomblé. Sempre estava tentando *linkar* uma coisa na outra pra gente conseguir atribuir a liberdade pra esses espaços também, para que essas casas entendessem que pudessem fazer parte da universidade de alguma forma. E aí que nós fomos... A universidade proporcionou muita coisa boa. Eu não posso falar mal, porque eu não sofri nenhum tipo de preconceito na universidade. Pelo menos, assim, não que as pessoas viessem até mim, ou chegasse alguma conversa, nunca senti nenhum tipo de perseguição, nesse sentido. Pelo contrário, eu fui muito bem assistida nas minhas dificuldades lá dentro. E hoje estou no mestrado em Desenvolvimento Social. Minha pesquisa hoje é sobre uma etnografia da identidade das mulheres transgêneras, enquanto profissionais do sexo nas ruas. Então, já é uma outra linha de pesquisa.

LLD: E o seu TCC foi voltado pra que tema?

LFS: O meu TCC foi justamente sobre a forma pedagógica da casa de kiosô em formar, e ter a formação dos seus filhos de santo né? E eu fiz uma etnografia da casa dele.

LLD: Agora a gente vai entrar numa etapa, se você sentir à vontade, gostaria que você contasse mais sobre sua trajetória. Quem é a Leticia? Um pouco da sua infância, como que essa questão da espiritualidade deu significado pra sua vida. O que o terreiro representa pra você hoje na sua luta, nas suas ações políticas, nas suas múltiplas formas de existência?

LFS: Então, a minha infância, como eu havia dito, foi uma infância um pouco complicada né? Até para o meu nascimento foi algo complexo, porque a minha mãe foi pra BH, mas ela é natural de uma cidadezinha aqui próximo de Montes Claros no norte de Minas, que se chama Barroco, próximo a Francisco Sá. Ela foi morar em BH, ela teve envolvimento com o meu pai biológico, só que meu pai biológico não assumiu. E ela teve que seguir essa gravidez sozinha. Ela conseguiu um emprego, a patroa aceitou as condições dela. E no dia que a minha mãe foi me ter, estava tendo uma festa na casa. Então, o pessoal não conseguiu ouvir a minha mãe e nisso ela já

3. Núcleo de estudos de Homocultura (NEHOM): um arco-íris num grande Sertão (Unimontes).

estava sentido as contrações pra me ter e saiu desesperada. Minha mãe acabou me tendo na rua... Ela mesma fez o parto e daí quando o pessoal notou que ela não estava no quarto, foram procurar ela e encontrou ela na rua e ela só foi mesmo pro hospital pra fazer o corte só cordão umbilical e recebeu o tratamento que precisava receber. E aí estava tudo certinho comigo. E depois disso minha mãe conheceu meu padrasto, a gente começou a ter uma relação de família. Só que quando vieram os meus dois irmãos, o meu padrasto começou a mudar um pouco. Nisso que ele começou a mudar um pouco. Então tudo que vinha em relação a mim tinha que ser um pouco mais rígido. Hoje eu até agradeço isso, como eu deixei bem claro, mas eu acho que foi muito rígido no sentido de castigo, de bater e aí a minha infância foi praticamente toda nesse sentido. Passando um período, o irmão do meu padrasto começou a frequentar muito a nossa casa. E aí eu lembro como se fosse hoje, eu estava passando muito mal, eu tinha mais ou menos 10, 11 anos. Estava passando muito mal e ele chegou e deu umas moedas para meus irmãos, para que eles saíssem pra comprar alguma coisa e ele acabou me violentando... Então eu trago essa violência de certa forma da minha infância. E em razão disso eu fui levando isso até os meus 17, 18 anos, porque eu havia comentado com minha mãe, não tomei banho no dia, porque eu falei com ela como que eu ia fazer, que eu não sabia como proceder, como deveria ser feito. Só que meu padrasto pediu pra eu não registrar nenhuma queixa, não fazer nada... E nisso eu vi que a situação estava ficando um pouco complexa, porque sempre que meu padrasto jogava isso na minha cara como se eu fosse homossexual em razão disso, ou que eu quisesse ser homossexual por causa disso, que era algo me confortava. Ele sempre jogava isso na minha cara! E eu peguei e falei que ia sair de casa. Nisso eu já tinha feito santo, e era uma coisa também que ela não entendia, por ele ser católico ele não entendia e que era abominava. Então, assim, o fato de ser LGBT e de religião de matriz africana era o que tornava cada vez mais a convivência insuportável. Então, eu peguei e saí de casa. Falei com minha mãe que só retornaria para os braços dela só pra dar um abraço e entregar o meu diploma. E assim eu fiz. Vim pra Montes Claros e chegando em Montes Claros, lógico, passei algumas dificuldades até conseguir ter minha casa, ter minhas coisas, ter de fato a minha independência de certa forma. Fui morando em república, sempre estando de um lugar a outro, porque quando você mora em república você tem que lidar com vários tipos de pessoas, com vários tipos de costumes. Algumas que dão pra você aguentar algumas situações, outras realmente não dá, extrapola a questão do respeito. Então, eu sempre estava buscando esse lugar que eu pudesse estar em paz. Até que eu fiquei um período, na verdade, do primeiro período até o sexto período mudando de lugar porque estava insuportável, algumas relações com o espaço. Espaço esse que algumas coisas da gente sumiam. Tinham várias pessoas morando dentro de um pensionato e como

rolava muita droga, foi uma situação bem complexa né? Depois, eu vi que eu precisava de fato de um lugar pra mim. Mande uma carta, na verdade fiz um requerimento na reitoria, na época o reitor era Paulo Cesar, solicitando um emprego, solicitando algo que eu pudesse ter uma verba pra eu continuar no curso, porque senão eu ia abandonar. E ele acatou o meu pedido me colocou pra ser estagiária, na época estagiário porque eu não tinha feito a transição ainda. Depois ele me deu a oportunidade de trabalhar na imprensa universitária. Na imprensa universitária eu fui contratada pela Fadenor. Mas aí tive um problema com um funcionário lá na Unimontes. Tive um problema com esse funcionário e em razão desse problema eu resolvi sair da imprensa. Eu me formei e depois de ter formado fui dando continuidade na minha vida, até o momento em que eu vi que na verdade eu não era homossexual. Na verdade, eu precisei realmente me identificar e entender qual era a minha verdadeira identidade. E eu hoje soube quem eu sou que é Leticia.

LLD: E foi bacharelado ou licenciatura?

LFS: Bacharelado.

LLD: E a sua entrada na política, o que você concorreu ao cargo de vereança, como é que foi esse processo, de passar a política institucional, se envolver na causa... Como que foi essa entrada na vida da política?

LFS: Pra mim foi uma surpresa porque eu não gostava de fazer as aulas de política, de ciências políticas por eu ser formado em ciências sociais. Então eu sempre faltava, nunca gostei de estar ligado à política. Eu não me via nesse espaço e também achava as aulas de política um saco. Só que o que ocorreu, depois que eu me formei eu fui convidada pra trabalhar na gestão municipal [...]. E aí como eu já estava formado e trabalhando, eu já me sentia realizada pra poder fazer as intervenções em meu corpo e também a minha averbação de documentos. Só que depois que eu fiz o processo cirúrgico, fiz averbação do documento, um belo dia eu recebo uma ligação de uma telefonista da prefeitura falando que a partir do próximo dia, não precisaria trabalhar mais. Eu estava sendo desligada da prefeitura. Questionei, perguntei o motivo, ela disse eu não sei. Estou ligando porque me pediram pra fazer. E aí eu fui tentando saber de fato o que tinha acontecido né? Pra mim parecia ser uma transfobia velada. O retorno depois de um bom tempo que me deram é que um colega de curso havia passado no concurso e entrado com um mandado de segurança. Porém, eu sabia que não era verdade o que eles estavam falando. Era uma justificativa extremamente falha, porque eu estava justamente na vaga de uma pessoa que já era concursada e aposentou. E quando eu estava exercendo o meu papel de socióloga na coordenadoria da igualdade racial, essa professora que eu peguei a vaga dela no CREAS, ela estava

trabalhando antes de aposentar. Então, eu entendi que eles me tiraram da vaga de socióloga na coordenadoria da igualdade racial, e como ela aposentou, eles me colocaram pra cobrir essa ausência dessa profissional que era importante, uma vez que o município havia recebido uma notificação da vara da infância por não cumprir as medidas socioeducativas. E a minha função ali era mais importante porque eu deveria ter uma intervenção diretamente nesse setor do meu serviço para que eles não tivessem que responder a um TAC,⁴ que era um processo da vara da infância. E aí fiz o que o juiz pediu, que ele acatou né? Era um projeto que desse as medidas socioeducativas total atenção, que tivesse uma intervenção ao mais assertiva, que esses meninos e essas meninas fossem de fato sendo inclusos nas ações realizadas e a partir do que eu cumpri tudo que o juiz estabeleceu, eles abriram uma brecha e me mandaram embora. E a justificativa era que eu teria que sair pra desocupar a vaga pra que esse colega de profissão entrasse. Só que a vaga na qual ele entrou foi a vaga que ele passou no concurso, não a vaga da professora concursada que aposentou. Então, eu entendi que de fato eles buscaram a melhor forma de mascarar um tipo de preconceito, uma transfobia mesmo! Aí eu sai da prefeitura, Leninha teve acesso a minha situação, que é deputada estadual. E com isso ela quis me ajudar de certa forma e aí como estava no período da eleição ela falou comigo se eu não queria ser candidata a um cargo na câmara do legislativo? Eu nunca tive essa visão, até mesmo que eu nunca gostei de política. Mas aí com essas violações de direitos, das buscas que eu fui tendo em relação a comunidade, nas várias violações que a gente foi encontrando de direitos e devido à ausência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT, que eu me vi, quando eu me vi, já me vi inserida na política. E hoje estou aí... Não só inserida, mas extremamente mergulhada nesse campo. E estou aprendendo muito, porque a política é lugar de aprendizado né? E é um lugar que você tem, lógico que você tem que ter plataforma de lutas, mas você tem que ainda sim dentro dessa plataforma de lutas, você precisa pensar em outras pessoas. Eu o que eu falo sempre nos meus discursos. Quando eu falo de um LGBT, não estou falando só do LGBT, quando eu estou falando da fome, da insegurança alimentar de um LGBT, eu não estou falando somente da fome dele. Estou falando da fome dele, da fome da mãe dele, do pai dele e da fome dos irmãos e dos avós, porque um LGBT está ligado a uma serie de pessoas. Então, eu não posso pensar só na minha casta. Eu tenho que pensar num contexto geral. Quando eu estou pensando num transporte LGBT, eu não estou pensando num transporte do LGBT em si. Estou pensando no transporte da mãe dele que precisa trabalhar, do irmão dele que precisa ir pra escola, do pai que precisa desempenhar alguma função. E as pessoas não pensam nisso. Elas acham que a nossa briga é só pra colocar um LGBT acima das pessoas que estão na política, ou que a gente quer ter privilégio, ou que a gente queira fomentar

4. O termo de ajustamento de conduta (TAC) é um acordo, promovido pelo Ministério Público, em que uma empresa reconhece que agiu de forma incorreta ao ameaçar ou violar um direito

uma cultura LGBT na qual as outras pessoas que são hétero tenham que beber desse diálogo, tem que beber dessa política pra se tornar LGBT. E não é algo assim, a gente sabe que ser LGBT não é uma questão de escolha, ser LGBT é uma questão de condição. E é algo que é ser e ser. Você não pode não ser. Porque até pra você negar ser, você passa por uma série de coisas. Esses conflitos que te faz buscar uma série de alternativas que não são as melhores, como, por exemplo, o suicídio. Então por causa disso eu entrei na política e estou até hoje.

LLD: e quando você se envolveu na campanha e agora você está à frente da Aliança, qual é o maior desafio que você enfrente nessas suas ações políticas?

LFS: Hoje pra ser bem sincera, as pessoas me veem como ameaça no campo político, porque na minha primeira candidatura eu tive 700 votos, sem sair de casa praticamente, com medo da violência da cidade, porque fui a primeira mulher trans a se candidatar no norte de minas.

LLD: Qual partido?

LFS: PT, ao pleito de participar de uma cadeira no legislativo. Mas pelo fato de sempre está correndo atrás mesmo da garantia dos direitos a proteção LGBT, hoje as pessoas me veem como ameaça, porque hoje nós sabemos das pessoas que são simpatizantes da causa né? E tem crescido cada vez mais o número de pessoas que estão compreendendo a necessidade de lutar juntos né? E nossa comunidade que a gente tem que ter o mínimo, que é o tripé da cidadania. Hoje nós não temos em Montes Claros um conselho, nós não temos uma coordenadoria. E as coordenadorias já existentes em Montes Claros não conseguem dialogar pra entender os direitos dessa comunidade. Coordenadoria da mulher mesmo é raro citar alguma coisa sobre mulheres trans ou mulheres travestis, ou até mesmo mulheres lésbicas ou bissexuais. Coordenadoria da Igualdade Racial também nunca me perguntaram, como é ser uma mulher trans negra? Ou como é ser uma mulher trans negra e periférica né? Então, é um povo que deveria fazer um diagnóstico em relação ao público LGBT. A coordenadoria da criança e do adolescente nem toca no assunto. A gente tem diversos conflitos aí, inclusive surgiu duas famílias que tem duas crianças trans e não estão sabendo lidar com a situação. Hoje pensando na área da saúde, nós temos maridos que teve coragem de expor sua verdadeira identidade depois de ter constituído família e aí tem pessoas que fazem diversas leituras, e é lógico que leitura, às vezes, muito perversa. Mas, maridos que não se entendem como homem e se entendem como mulher trans. E há uma série de conflitos. Porque você tem, não só lutar contra a leitura que a sua mulher vai fazer contra sua identidade, mas ain-

da tem a leitura da família dela, a leitura da sua família, a leitura dos seus filhos... Hoje o nosso desafio está sendo lidar com toda essa situação, sem recurso nenhum, porque a Aliança não recebe recurso. Só recebe quando há um destino de verba parlamentar. O que por sua vez é uma vez ou outra, não é algo frequente. A questão da luta do nome social, das mulheres trans, travestis, das mulheres trans, na verdade, travestis que é algo que é constante no serviço público. Que é questão de saúde, chegando no hospital, primeira coisa, não sabe tratar aquele nome da mulher trans, segunda coisa, o clínico geral não sabe conduzir o atendimento, porque ele não sabe quem de fato deveria realizar esse atendimento. Se a mulher trans seria um ginecologista, é um homem trans seria um urologista ou ginecologistas. As pessoas ficam muito perdida. No sistema prisional, o respeito ao nome social não existe. A violência causada a essas pessoas. Então é uma luta constante que a gente vai tendo. A escola hoje, infelizmente, o abandono, a evasão têm sido mais constantes, porque não há o respeito né? infelizmente, as violências tem sido mais constantes, o mercado de trabalho não abre portas para as mulheres travestis, mulheres trans. É uma luta constante que a gente tem discutido em relação a isso. A insegurança alimentar não tem nem como falar, as DSTs, as ISTs, na verdade, porque mudou o conceito... Agora, cada vez mais crescente das mulheres trans que são profissionais do sexo sendo infectadas por homens Cis, que aproveitam da fragilidade daquela pessoa que precisa de dinheiro pra se manter, acabam oferecendo a ela valor maior pra fazer sexo desprotegido, já sabendo da condição dele e da possibilidade dele fazer um repasse de doença pra aquela pessoa. Como aconteceu há três meses, nós tivemos uma mulher trans diagnosticada com três tipos de doenças HPV, Sífilis e HIV. Então, assim, já é uma pessoa que passa por uma série de violações de direitos, já é uma pessoa que o mercado de trabalho não enxerga enquanto mulher, não aceita ela, uma pessoa que não está na vida escolar, a saúde não entende a necessidade de fazer um trabalho em rede né? Não é só tratar da doença, mas é pensar, por exemplo, num auxílio, um aluguel pra essa pessoa. Como é que ela vai, com esses três tipos de doença ela vai pra prostituição pelo menos nos três primeiros meses de tratamento. Então, assim, são questões que a gente passa cotidianamente e as pessoas acham que não há esses problemas. Violência contra a mulher. Uma Mulher trans foi estuprada há semanas atrás. Eu vi uma serie de violação de direitos em relação à rede, a rede não sabe como tratar. E eu percebi que é um problema não só coma mulher trans, é um problema com as mulheres. Acontece com adolescente, com idosa e com mãe de família. A mulher estuprada tem que ter a cabeça de procurar o telefone, ligar pra polícia militar, a polícia registrar o boletim de ocorrência, isso eles não estão indo com uma PM pra poder fazer a escuta da situação. Que é um momento de tensão, um momento que eu acho de revitimizar a mulher

novamente à violência, porque homem não sabe lidar com essas informações. As perguntas são perguntas que infelizmente fazem com que a vítima se sinta cada vez mais fragilizada diante do ocorrido. E não há um trabalho em rede, principalmente de pensar num psicólogo, ou uma psicóloga, já fazer um contato com o hospital que tem referência pra fazer uma coleta do material. Quando chega no hospital, por exemplo, no caso dessa mulher trans, a mulher trata a mulher trans no masculino a todo instante. A enfermeira que estava fazendo a triagem, ao mesmo tempo o hospital não estava preparado pra fazer a coleta, o hospital esse que é referência. E aí você vai vendo uma serie de violações de direito, onde a pessoa chega em um determinado momento ela chega e fala: “Deixa isso pra lá... Eu vou voltar pra casa e vou continuar sofrendo violência até me matar”.... Essa é a realidade de Montes Claros. Uma realidade assim que dói, porque você tem uma delegacia da mulher, mas a delegacia fecha às 18h, não abre sábado e domingo, são os dias onde os homens estão mais dentro de casa, mais propício a ter envolvimento com droga, com o álcool, uma das drogas é o álcool... Não sabe como conduzir uma situação e nem como dar esse passo a passo para as pessoas, porque cada dia que passa a situação fica mais complexa. Hoje, por exemplo, a escuta é feita por videoconferência, às vezes, a vítima no olhar, na forma quieta, ela está dando um recado. Como que por videoconferência um delegado, uma delegada vai sentir isso? Então assim, são falhas que são palpáveis. Não é algo que está distante. Você consegue sentir a falha e falhas que vem com violência. Então, hoje a minha experiência, nesse sentido, na política é exatamente dentro dessa perspectiva dessas questões, é a garantia desses direitos, principalmente quando envolve a aliança. Precisamos de uma política que de fato as pessoas possam sentir essa mudança em Montes Claros. Porque não há mudança... É por isso que eu quase não participo de parada LGBT, quase não participo de festa, não vou em boate, muito raro eu ir... Não tenho motivos pra comemorar. Não vejo ainda que em Montes Claros está ao passo de ter comemoração. E em detrimento também da subnotificação de casos, de dados... Nós tivemos o caso da Joelma, que foi a primeira assistida na Aliança, foi assassinada com 50 mãos de pilão na cabeça. A cabeça dela ficou só a massa. Eu não vi envolvimento da rede nesse sentido, de prestar solidariedade, de fazer uma caminhada igual fizeram... Não estou desmerecendo a morte da Vanessa, a mulher que o marido matou diante dos filhos, não estou desmerecendo, mas estamos falando de morte de mulheres. . Então se a gente tem que pensar na morte da Vanessa com as mulheres Cis fazendo uma caminhada, eu penso também que a gente tem que pensar na morte das mulheres trans no caso da Joelma, pensando no caso das mulheres trans que os casos são cada vez mais subnotificados. Elas estão sendo mortas, porém a

polícia na hora que chega pra fazer a investigação, o processo que eles tem que fazer, eles não estão sabendo identificar esses corpos e isso acaba não gerando números. E as políticas públicas só acontecem quando você apresenta números. Isso acaba deixando falhas no sistema. Falhas que incomodam a nossa comunidade. E em detrimento disso a gente não tem nada. Não tem Conselho, uma Coordenadoria, um Centro de Referência, não tem um hospital pra ser base pro atendimento à saúde.

LLD: E o movimento feminista daqui, a Aliança consegue dialogar, estabelecer redes de apoio?

LFS: Hoje, na verdade, nós que estamos requerendo esses espaços pra poder falar das nossas existências, ou pra poder gritar que nós existimos. Mas, não é algo visto. Como se nós fossemos inexistentes, ou como se a nossa realidade fosse como, por exemplo, a realidade de uma *drag queen*, que a noite se veste de mulher pra fazer show em boate, mas que de manhã a vida volta ao normal e a gente tá aí, inserida no mercado de trabalho como homossexual, fazendo e acontecendo. Porque hoje o homossexual tem privilégio de falar porque ele tem mais liberdade. Existe violência? Existe! Mas, não igual a comunidade de mulheres trans e travestis. A violência causada na gente é com maior requinte e crueldade, desde tirar o coração e colocar um crucifixo como foi a morte de uma mulher em BH, como por exemplo de picar o corpo todinho, como se tivesse picando parte de um porco pra poder vender no açougue, ou de um boi. Essa é a realidade hoje.... Como aconteceu em Monte Azul, a morte de Rubi. Leonara: A Aliança consegue fazer um levantamento desses dados que são subnotificados, porque isso não aparece em imprensa...

LFS: Não aparece e é uma cobrança que a gente tem feito cada vez mais constante, até mesmo porque a imprensa nos violenta de certo ponto, porque não sabe tratar os pronomes. O que seria, por exemplo, a travesti, porque eu já percebi, porque tudo que envolve crime em relação as mulheres trans, eles dão mais possibilidade de chegar na mídia, principalmente os viciados. Então eles já passam o boletim eles te tratando como travesti, quando chega na mídia, que a gente precisa desse boletim desse pra tratar da situação, eles replicam lá no boletim. E eu já mandei um ofício já pra todas emissoras, jornais falando: olha não existe o travesti, travesti é uma palavra feminina, é a travesti. Quando vocês forem tratar de uma mulher trans, não precisa ter medo. Ah mas eu quero colocar travesti. Coloca travesti, mas desde que você coloque representando aquele corpo como corpo feminino, porque se você colocar para o masculino, aí começa uma desavença entre a Aliança/organização e vocês! E aí eles não colocam mais não, até ligam pra gente sobre alguma matéria, perguntando de que forma tratar... Como levar tudo isso, porque é muito complicado. E até a forma de levar a notícia. Porque, por

exemplo, nós tivemos há três meses atrás a situação de uma mulher trans que morava em São Paulo, foi fazer um programa, nesse programa o rapaz não quis pagar o programa, e ele tinha pensado que tinha perdido o celular no ato do programa. Quando pensa que não ela foi com ele até o carro e ele achou o celular dele no porta malas. Aí ele querendo ter razão agrediu ela e partiu pra cima dela. E eles foram rolando até chegar numa pilha de lixo. Como ele pressionou o pescoço dela querendo enforcá-la, ela procurou qualquer coisa pra acertar ele. Ela pegou um perfuro cortante e furou a veia do pescoço dele, ele morreu no local. Isso tem filmagens, tem tudo do ocorrido. Aí ela veio embora pra Montes Claros. No que ela veio embora pra Montes Claros, a polícia pegou e prendeu ela. Aí o próprio policial que a conduziu, olhando o vídeo falou: Se fosse eu teria feito o mesmo! Porque eu iria me defender eu não ia morrer. Além de me acusar de ladra, além de me enforcar pra me matar eu ainda tenho que passar por esse ressentimento de vocês. Se vocês me acusaram. Hoje eles estão mais espertos até mesmo pra emitir algumas informações.

LLD: Agora, com essa mudança no contexto político, como que você percebe as expectativas com relação às políticas públicas voltadas para o público LGBTQIA+ e para as comunidades de terreiros?

LFS: Em relação com o público LGBT eu vejo um avanço né? Ainda mais que ter colocado como secretária uma mulher trans. Então, eu acho que é uma pessoa mais sensível pra pensar nessas questões, uma vez que é uma pessoa que inclusive pensou o projeto trans-cidadania que é um projeto lá em São Paulo que atribuiu a muitas pessoas LGBTs várias possibilidades, inclusive inserção no mercado de trabalho. Então, eu vejo como um grande avanço. Eu só espero que de fato essa pessoa tenha liberdade pra realizar o trabalho dela, porque competente ela é. Já pensando na perspectiva da comunidade de terreiros nós esperamos muito. Principalmente a liberdade de sair com as roupas que verdadeiramente fazem parte da nossa cultura, fazem parte dos nossos costumes, da nossa aprendizagem, para além disso, dos nossos toques não serem encerrados com violência né? Com polícia na porta, que seja respeitado nosso momento do nosso sagrado e além disso algo que nos preocupa muito é a questão de nos impedir de deixar que as pessoas se manifestem no momento em que a espiritualidade as convida para fazerem parte desses espaços. Por exemplo, o sofrimento de uma mãe, na qual a filha dela, uma pessoa que necessita do espiritismo e a família por parte do pai conseguiu a guarda da menina de forma integral, justamente pelo fato que a menina estava num processo de abertura de santo. Era algo muito necessário. Então, eu acho que tem que ter um olhar um pouco mais sensível, nesse sentido, e observar as partes,

como a questão da necessidade espiritual da menina, é algo que a menina gosta... São questões que tem que ser analisadas, muito bem analisadas. E com respeito a esses sagrados né? A maioria das casas cultivam muito a natureza e preservam muito a natureza, justamente pelo fato da gente necessitar da natureza para fazer com que esse ciclo da energia permaneça naquele espaço. Então, a violência nesses espaços, no sentido da violência ao patrimônio físico do espaço, paredes, imagens né? Mas eu falo da natureza em si, isso faz com que quebre um ciclo da nossa natureza. Querendo ou não a gente precisa desse ciclo intacto.

LLD: Eu quero agradecer muito a tarde de hoje! Para mim foi um aprendizado espiritual, um aprendizado de vida, de saberes, de dialogo de contato, inigualável... Eu me sinto honrada de estar aqui, de poder dialogar com sua experiência. Esse trabalho é uma coautoria. Evidentemente a sua fala é a fala protagonista. Agradeço de mais e quero poder ter muitos encontros com você. Você gostaria de deixar alguma palavra final?

LFS: Na verdade, hoje o que a gente percebe é a necessidade das pessoas retirarem um pouco esse imaginário do olhar, de que a gente precisa olhar, as pessoas querem o olhar, o olhar da visão mesmo e não deixar que o coração fale pela gente. Eu tive um contato com uma pessoa, uma deficiente visual e ela me deixou algo assim que eu percebi que é algo essencial pra minha vida e pra vida das outras pessoas. Não enxergar as pessoas pelo olho, mas enxergar as pessoas pelo coração, porque o coração ele é impossibilitado de possíveis preconceitos. Quando eu precisei falar dessa pessoa, eu percebi que realmente o que traz o preconceito, a violência, principalmente em detrimento das religiões de matiz africanas, e em detrimento das pessoas minorizadas, é o olhar carregado de estereótipos. Então, assim, tentar olhar pelo coração, sentir o que essas pessoas sentem, talvez aí as pessoas tenham um olhar diferenciado das vivências, das identidades, das realidades desses espaços, dessas pessoas, pra que essas relações possam ser diferenciadas e o mesmo respeito possa resplandecer e iniciar a partir de um sentimento e não de um julgamento.

Neste artigo, Letícia Imperatriz relata sua experiência como filha de santo e militante da luta LGBT, demonstrando como a questão da transexualidade perpassa sua experiência no seu terreiro de Candomblé Angola em Montes Claros (MG).

RESUMO

Candomblé Angola, transexualidade, luta LGBT.

PALAVRAS-CHAVE

In this article, Letícia Imperatriz recounts her experience as a daughter of saint and activist in the LGBT struggle, demonstrating how the issue of transsexuality permeates her experience in her Candomblé Angola center in Montes Claros (MG).

ABSTRACT

Candomblé Angola, transsexuality, LGBT struggle.

KEYWORDS

LETÍCIA FERREIRA DE SOUSA (LETÍCIA IMPERATRIZ)

Mestranda em Desenvolvimento Social (UNIMONTES)

LEONARA LACERDA DELFINO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5422-4980>

E-mail: leonarlacerda@yahoo.com.br

RECEBIDO: 25.04.2023

ACEITO: 11.05.2023